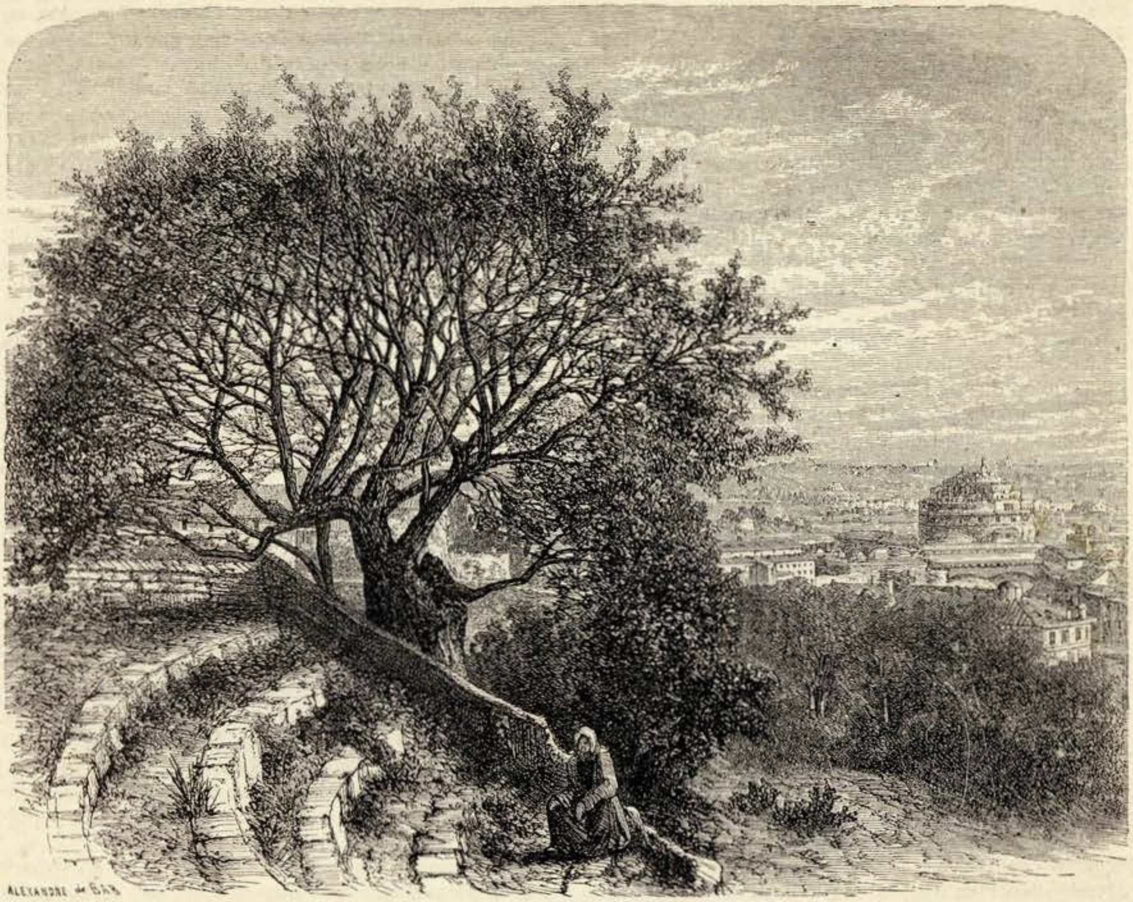


O carvalho de Torquato Tasso

Representa a nossa gravura o logar onde, segundo a tradição, Torquato Tasso, estando no convento de Santo Onofre abrigado contra uma febre que o accommettêra, quando o papa Clemente VIII o chamára para lhe conferir as honras do Capitolio, descançava por vezes á sombra de um carvalho, para d'alli se enlevar no templo da sua glorificação e em Roma inteira; e onde, na mesma epocha, fins do seculo XVI, Filippe Nery, o fundador dos oratorianos, aggregava as criancinhas, de cuja educação voluntariamente se encarregára, e attrahia os peregrinos, a quem, n'aquelles tempos, sabia agasalhar como nenhum outro.

Passou alli melancolicamente os ultimos dias da sua vida o poeta que o infortunio levára, annos antes, a um hospital de alienados.

Que esplendido panorama se desenrolava aos olhos do egregio cantor das cruzadas! que contraste singularissimo entre o quadro povoado de alegrias e encantos mundanos, e o silencio do claustro e a tristeza da enfermidade! que de recordações dolorosas dos festins, dos receios, das intrigas e iniquidades da corte de Ferrara! e, ao mesmo tempo, que saudosas lembranças de malaventurados amores!

Servir-lhe-hia de conforto e lenitivo a sombra do carvalho? Ninguem o sabe. A tradição não revelou jámais este sigillo; mas entremostrou que a arvore podia acaso ter sido regada com amargas e ardentes lagrimas do poeta. Será isto verdade? Não ha documento que o affirme, nem que o contradiga.

Junto do carvalho via-se, como dissemos, Roma inteira, desde a praça do Povo até o monte Celius; Roma com as suas casas rusticas; Roma com os seus esplendores que nada eguala, e que os seus zimborios e cupulas annunciam em soberbissima linguagem. Ao longe, os arvoredos do Pincio, os jardins de Sallustio, a quebrada verdejante que separa o Quirinal do Esquilino e domina Santa Maria Maior; mais perto, o Capitolio, o Palatino com os seus cyprestes e murtas, entrelaçando-se nas arcadas arruinadas dos palacios dos Cesares; mais longe, a planicie accidentada e inculta; em outro plano, a collina do Vaticano e S. Pedro; ao longe e ao perto, o Tibre; e por fim, e sobresaíndo a tudo, ao lado do Vaticano, o castello de Santo Angelo — mausoléo e cidadella, carcere e refugio dos pontifices.

Eis ahi o panorama grandioso, seductor e magnifico, que o poeta contemplava, e que mais vivas e acerbas lhe tornavam, sem dúvida, as recordações e as saudades.

Descia-se para o celebrado carvalho por differentes hemicyclos que saíam do pequeno, mas delicioso, jardim do convento de Santo Onofre, que Filippe Nery cuidadosamente tratava como as criancinhas e como os peregrinos.

Na egreja do convento, que é de aspecto sombrio e veneravel, estão os tumulos do poeta e do fundador dos oratorianos. Entre a egreja e o convento havia um claustro, onde em outros tempos se admiravam umas bellas pinturas a fresco, ao presente quasi destruidas.

Torquato Tasso podia estar bem ao lado de Filippe Nery.

BRITO ARANHA.

CARTUXA DE EVORA

(Vid. pag. 225)

V

Depois da fatal perda del-rei D. Sebastião em Alcacer-el-Kébir, subiram o cardeal D. Henrique ao throno, e ao solio archiepiscopal seu sobrinho, D. Theotonio de Bragança, que antecedentemente lhe servira de coadjutor no governo da egreja eborense. Foi um grande prelado, famoso e illustre, não pelas riquezas e ostentações, mas pela humilde pobreza em que de continuo andava por dispender as pingues rendas em institutos pios e em de toda a maneira soccorrer os desgraçados.

Fundou e dotou o recolhimento de S. Manços para donzellas nobres desamparadas; o da Piedade para homens e mulheres pobres sem domicilio; o de Santa Magdalena para penitentes convertidas: acabou e aperfeiçoou o convento de Santo Antonio da Piedade, que o cardeal D. Henrique tinha começado; comprou aposentos para habitarem os carmelitas descalços em quanto não edificaram convento; fez de novo e dotou o hospital e hospedaria dos pobres da invocação da Piedade; teve em sua propria casa outro hospital; edificou, finalmente, dos alicerces o convento da Cartuxa, a maior e mais notavel de todas as suas obras.

E para tão largas emprezas lhe bastou o estreito espaço de vinte e tres annos que cingiu a mitra eborense [1]!

VI

Antes de ser arcebispo, esteve D. Theotonio de Bragança na Italia, Inglaterra, França, e tambem em Castella, onde, segundo dizem, residiu na Cartuxa de Tarragona. Calaram-lhe no animo as virtudes dos religiosos, compungiram-n'o suas grandes penitencias, agradou-lhe, em fim, a regra austera de S. Bruno, que muito bem se conformava com aquella em que vivia de propria vontade e sem ter votos que a tanto o obrigassem. Trazendo sempre na lembrança os exemplos da perfeição dos monges, resolveu-se, alguns annos depois de empunhar o baculo, a fundar a Cartuxa de Evora. Avivou-lhe talvez o desejo não haver ainda a esse tempo nenhuma outra em Portugal.

No anno de 1587, o arcebispo alcançou do prior da Cartuxa de França, geral de toda a ordem, que lhe mandasse monges do convento de Tarragona. Veiu o proprio prior d'este convento, Luiz Telmo, com os padres Jeronymo Ardion e Francisco Monroy, e com o frade leigo João Vellis. No inventario citado na precedente nota apparece uma verba de 200$000 réis, que D. Theotonio deu em 13 de agosto de 1587 para os padres Cartuxos da provincia da Catalunha, outra de 32$000 para os padres da Cartuxa de Paular (para o caminho que fizeram a Evora), outra de 26$400 para os padres da Cartuxa da Catalunha (para o caminho e porte de livros).

Como estivesse apenas começada a obra do mosteiro quando os religiosos chegaram a Evora, impetrou o arcebispo licença de Filippe II para os aposentar nos paços reaes, onde entraram a 8 de setembro de 1587. Aqui viveram em communnidade, recebendo já noviços pelo espaço de onze annos. Fez-se a trasladação para o novo mosteiro a 15 de dezembro de 1598.

Nicolau Agostinho affirma que D. Theotonio de Bragança dispendêra passante de 150:000 cruzados na fabrica do convento, nos bens com que o dotou e nos paramentos e mais peças do culto.

Vê-se no inventario citado que até ao anno de 1590 tinha dado em dinheiro e outras especies o valor de 56:808 ½ cruzados. Como, porém, o arcebispo só falleceu em 1602, deixando ainda a obra incompleta, é possivel que a somma total de suas dadivas não discrepasse muito da que foi calculada pelo seu biographo.

Do mesmo inventario parece deduzir-se que o fundador consignára ao convento a quantia de 32:000 cruzados, além da pensão annual de 2:000.

Tem o inventario quarenta e dois titulos. No da prata se vê que o arcebispo deu ao convento, até ao anno de 1590, objectos d'este metal no valor de 486$777 réis, e desde aquelle anno até ao de 1598 outros mais no valor de 197$885 réis.

Entre o titulo das peças de pedra e o das cavalgaduras vem o dos escravos, que por curiosidade transcreveremos:

«Hũ escrauo moço de hidade de 18 té 20 annos preto ladino, por nome Dinis aualiado em quarenta mil rs.

«Outro escrauo por nome Coresma em quarenta mil rs.

«Outro escrauo preto por nome Antonio da mesma idade em quarenta mil rs.

«Outro escrauo de nação fallo por nome Bento que sirue de vaqueiro aualiado em cinquenta mil rs.

«Mais outros dous escrauos sc. Luis Indio e Pero Dias alfaiate aualiados em oitenta mil rs. ambos.

«Mais hũ negro ferreiro que se cõprou do Juiz do Fisco de sua magestade por sesenta e hũ mil e quatrocentos sesenta rs.»

O espirito da epocha fazia compativel a escravatura com a virtude da caridade, que em tão subido grau possuia o arcebispo D. Theotonio de Bragança, e tambem com a moral austera dos monges de S. Bruno. Os escravos não eram pessoas, mas coisas, que se classificavam e descreviam entre os bens moveis e semoventes do mosteiro!

(Continúa) A. FILIPPE SIMÕES.

[1] Com ser tamanho o catalogo das chronicas portuguezas das ordens religiosas, não temos uma só impressa da ordem de S. Bruno. As obras de que mais nos soccorremos para a parte historica d'este artigo foram as seguintes:

Nicolau Agostinho — *Relação summaria da vida do ill.mo e rev.mo sr. D. Theotonio de Bragança.*

Padre Manuel Fialho — *Evora illustrada.* — Mss. da bibliotheca de Evora.

Inventairo de tudo o que o Arcebpo tem dado aos padres Cartuxos do mosteiro de scala cœli desta cidade de Evora, assi dinheiro, pam, como mouel: e outras cousas ao diante declaradas. M. D. LXXXIIII *Annos.*

Este codice conserva-se na bibliotheca de Evora e pertenceu ao seu fundador.

MILTON E A EXPLICAÇÃO DO SEU GENIO

Milton nasceu em Londres aos 9 de dezembro de 1608. Desde tenra edade deu mostras de grande intelligencia, que depois cultivou por todos os meios proprios para a desenvolver, taes como o estudo regular, a leitura e as viagens.

Depois de haver cursado os estudos em Inglaterra, passou a viajar pela França e pela Italia, adquirindo grandes cabedaes de instrucção, e um cabal conhecimento da lingua e litteratura italiana.

Em lhe constando que havia em Inglaterra um começo de perturbações politicas, deu-se pressa em voltar á patria, e sem hesitação se declarou pelo partido que defendia a liberdade e combatia as tendencias absolutistas da realeza.

Depois do supplicio de Carlos I, foi Milton escolhido pelos republicanos para justificar o sangrento drama, em que tão tragicamente figurára o infeliz monarcha. Milton propoz-se a demonstrar que um tyranno — no throno — é responsavel para com os seus subditos, e que estes o podem processar, julgar e condemnar á morte. Ao fallar determinadamente do desditoso Carlos I, dizia, com a mais acerba vehemencia do fanatismo politico: «Esse rei, perseguidor da religião, postergador das leis, foi vencido, depois de uma longa

tyrannia, com as armas na mão, pelo seu povo: foi depois conduzido á prisão; e por quanto, nem por factos, nem por palavras, inspirava esperança de melhor procedimento, foi condemnado pelo soberano conselho do reino á pena capital. Por fim caiu sobre sua cabeça o machado, na frente das portas do seu proprio palacio... Nunca soberano algum, assentado em mais alto throno, ostentou maior magestade do que o povo inglez, quando, ao sacudir a superstição antiga, se assenhoreou d'esse rei, ou antes d'esse inimigo, que reivindicava para si, por direito divino, a impunidade. O povo inglez o enlaçou nas suas proprias leis, o opprimiu com o julgamento, e, achando-o culpado, não receiou entregal-o ao supplicio, que elle tinha em reserva para todos.»

Por esse tempo, e em quanto durou a republica, não cessou Milton de inflammar os seus compatriotas com repetidos escriptos, tendentes todos a glorificar a revolução, a exaltar a liberdade, e a estygmatisar a intolerancia e a prepotencia do despotismo. Mais de uma vez a eloquencia brilhava nos periodos sabiamente tecidos da sua controversia apaixonada. Em um d'esses tão numerosos escriptos exalta elle a revolução, e o seu louvor, para me servir de uma expressão de M. Taine, parece o troar de trombeta que sae de um peito de bronze.

«Olhae agora (dizia elle) para esta vasta cidade, cidade de refugio, casa patrimonial da liberdade, cingida e circundada pela protecção de Deus... Parece-me ver uma nobre e poderosa nação erguer-se como um homem forte, á hora em que, acordando do somno, sacode as invenciveis madeixas. Parece-me vêl-a como uma aguia que se reveste de poderosa juventude, fita sem se deslumbrar os scintillantes raios do sol, arranca as escamas de suas palpebras, banha os olhos, por tanto tempo desvairados, na propria fonte do esplendor celeste, ao passo que o bando das medrosas e chiadoras aves, e ainda as que se comprazem no crepusculo, descrevem giros em torno d'ella; e, espantadas do que intenta fazer, e grasnando invejosas, predizem um anno de seitas e de scismas.»

As imagens, as comparações de que Milton se serve, mal podem ser traduzidas; é necessario lel-as no original para bem se perceber a energia que a imaginação do poeta ou do *vidente* soube dar-lhes. É, porém, justo ponderar que nem sempre o bom gosto e a naturalidade caracterisam as suas expressões.

Milton arremessa-se á arena da revolução. Preparado com a forte armadura de uma vasta erudição; dotado de uma phantasia poderosa, e vehementemente excitado pelo estimulo da polemica, não cessa de escrever sobre as coisas da politica e da religião, ou já como secretario de Cromwell e do parlamento, ou já como partidario e sectario.

O excesso do trabalho roubou-lhe a luz dos olhos, lastimoso infortunio que elle pranteou de um modo verdadeiramente poetico:

«Voltam as estações e os annos, mas não volta para mim a luz. Já não vem trazer-me consolações as risonhas côres da tarde e da manhã; já não vejo os botões da primavera, nem as rosas do verão; já os meus olhos não vêem a belleza do semblante do homem, onde o creador imprimiu os traços divinos da sua similhança. Ah! espessas nuvens me rodeiam; circunda-me uma noite sem fim!»

Quando veiu a restauração, refugiou-se Milton no retiro da sua morada, e, aproveitando as suas sábias reminiscencias, dictou a suas filhas e a raros amigos o poema encantado que o mundo admira sob o titulo de *Paraiso perdido*.

Graças aos breves traços que ahi ficam lançados, facil nos será comprehender a explicação do genio de Milton, tal como a apresenta um critico illustre:

«Por esta fórma se ia preparando o Homero das crenças christãs. Era assim que aquella alma tempestuosa e sublime, que se alimentára com o fogo das facções, e fôra provada por todos os fanatismos da religião, da liberdade e da poesia; era assim que a alma de Milton, á hora em que houvesse de perder o espectaculo do mundo, poderia estar preparada para encontrar nas suas reminiscencias o modelo das paixões do inferno, e para reproduzir —lá do fundo da sua phantasia, que a realidade não mais perturbava— duas creações, egualmente ideaes, igualmente inesperadas n'aquelle seculo rude e feroz, a *felicidade do céo e a innocencia da terra* [1].»

Ao poema epico *O Paraiso perdido* allude o douto critico.

É verdadeiramente singular a historia da composição da sublime epopéa.

Tinha Milton chegado á edade de cincoenta e seis annos, quando se refugiou no remanso da vida intima da familia, dizendo adeus para sempre á agitação febril das lidas e controversias politicas e religiosas.

A cegueira, a doença, a perda das illusões que o haviam embalado... tudo accumulava em torno d'elle amargos pezares e uma tristeza profunda, que por certo roubariam o entendimento e opprimiriam a vontade do homem mais animoso.

Mas possuia Milton um genio elevado; e tanto bastou para que da mais angustiosa das situações brotasse uma producção litteraria, que a posteridade mais remota não deixará jámais de admirar e encarecer.

O espirito de Milton estava povoado das reminiscencias da poesia biblica e da poesia homerica; de sorte que a recitação das bellissimas paginas, na fonte original, avivava as imagens que já estavam gravadas na sua alma de fogo [2].

«Separado da terra pela perda da luz e pelo odio dos homens, pertencia Milton ao mundo mysterioso, do qual projectára cantar as maravilhas. —Ó musa! dizia elle; dá olhos á minha alma! E, com effeito, era *vidente* no campo das suas recordações e pensamentos.»

Vivamente impressionado pelos extraordinarios dramas politicos e religiosos, de que fôra testimunha ou actor, e preparado pela lição e pelo estudo, traçou d'antemão o poema que havia de immortalisar o seu nome. Quando já o espectaculo do mundo mais não podia perturbar as suas cogitações, concentrou toda a energia das suas faculdades no empenho de realisar a sua concepção, e sem esforço, mas com enthusiasmo, foi dictando os versos que meditára, compondo assim, pouco e pouco, o maravilhoso poema.

D'essa producção admiravel fallaremos em outro artigo.

José Silvestre Ribeiro.

O IMPERADOR E A IMPERATRIZ DO BRASIL

I

O grande movimento insurreccional, que no principio d'este seculo agitou de norte a sul a America, separou o Brasil da corôa portugueza, como desprendeu do diadema das Hespanhas os ricos diamantes com que a enriquecêra a mão dadivosa de Colombo e dos seus seguidores. Mas, ao passo que a separação das republicas néo-hespanholas e da mãe patria foi violenta e completa, a separação de Portugal e do Brasil, posto que não deixasse de ser tempestuosa, não foi, comtudo, tão odienta, que, passados os primeiros resentimentos, não voltassem os dois paizes a considerar-se irmãos.

1 M. Villemain — *Histoire de Cromwell.*

2 Milton fizera com que suas filhas aprendessem a ler o grego e o hebraico; e eram ellas as suas leitoras da Biblia e de Homero no original.

O governo do imperio americano ficou a um dos ramos da casa de Bragança, e as relações dos dois paizes estreitaram-se talvez mais intimamente do que outr'ora, porque, tendo desapparecido a iniqua distincção de metropole e de colonia, veiu a egualdade substituil-a, e com a egualdade a lhaneza.

Estamos separados administrativamente; mas tão fortes são os laços que nos unem, que as dores ou jubilos sentidos por uma das nações repercutem-se na outra inevitavelmente.

Outr'ora, quando o despotismo regia a seu bel-prazer a sorte dos povos, o testamento de um homem fazia passar uma nação para o poder de uma familia estranha. Ardia a Europa em guerra para que a iniquidade se sanccionasse, e depois julgavam os despotas que bastára esse testamento, authenticado pelas batalhas, para que os povos se ligassem como se ligavam os reis, e que o facto de serem parentes dois monarchas implicava necessariamente o parentesco das duas nações.

Enganavam-se. A vontade popular nunca ratificava esses pactos de familia, e, ou os soberanos tinham de obedecer involuntariamente á opinião publica, ou a revolta os fazia arrepender da obstinação, e, quebrando violentamente a ficticia alliança, repellia de si o soberano estrangeiro implantado á força no solo nacional.

Foi o que succedeu em Hespanha por duas vezes. Suppoz Luiz XIV que bastava o testamento de Carlos II, ratificado em Almanza, para que deixasse de haver Pyrenéos; e, sentando no throno hespanhol seu neto, o duque d'Anjou, imaginou que enfeudava a Hespanha



D. Pedro II, imperador do Brasil

á França, e que a monarchia peninsular sería apenas uma ramificação da monarchia franceza, como a casa reinante era um ramo do throno bourbonico.

Illudia-se; os Pyrenéos continuaram a ser tão insuperaveis barreiras como d'antes, e Filippe V, se quiz ver passar a coroa hespanhola para os seus descendentes, teve de abdicar a sua origem franceza e consubstanciar-se com os interesses hespanhoes.

Ainda não passára muito tempo, e já rebentava a guerra entre Filippe V e Luiz XV.

Depois veiu Napoleão querendo imitar o exemplo de Luiz XIV e estabelecer na Hespanha um throno de familia. A vontade de ferro do conquistador não permittiria ao rei José fazer o que Filippe V fizera; a realeza de Madrid havia de ser vassalla do grande imperio; por isso a Hespanha se sublevou em massa e o throno napoleonico desabou desfeito em pó.

O parentesco das casas reinantes não basta, por conseguinte, para aparentar os povos; mas quando um paiz, separando-se de outro a que estava unido, conserva como chefe um membro da familia que o governou, é porque entre esses dois povos continúa a haver, apesar da divisão, uma fraternidade que não se pretende apagar, laços de amizade mil vezes mais perduraveis do que os grilhões da escravidão.

Em quanto as colonias hespanholas, rompendo violentamente com a metropole, rejeitaram até a antiga fórma de governo, e das ruinas da monarchia fizeram brotar anarchicas republicas, o Brasil, proclamando a sua autonomia, conserva á sua frente um membro da casa de Bragança, e adopta com sensatez o regimen temperado da monarchia constitucional.

A Hespanha e as republicas suas filhas conservam entre si os odios tão accesos como no tempo da grande lucta, e a cada instante esses odios se traduzem em actos inqualificaveis como o bombardeamento de Valparaiso.

Portugal e o Brasil, desde que a separação se effectuou, nunca viram as suas relações interrompidas, nem o sentimento fraternal que liga os dois povos, mau grado as barreiras do Atlantico, deixou de manifestar-se em todas as crises que as duas nações tem atravessado.

É porque o culto da liberdade sã e justa predispõe

necessariamente os povos para este sentimento de fraternidade entre as nações.

E a liberdade, felizmente, não cessou, desde que lançou raizes em Portugal e no Brasil, de abrigar á sombra da sua bandeira estes dois povos irmãos.

E, para sermos justos, devemos confessar que a illustração e a sisudez dos soberanos que nos tem regido concorreram principalmente para que o constitucionalismo não fosse uma vã palavra.

Em Portugal e no Brasil, os descendentes de D. Pedro IV acceitaram francamente o papel que a constituição lhes impunha, e nunca lançaram o sceptro nos pratos da balança do regimen representativo para o fazerem pender para o seu lado em prejuizo das liberdades populares.

Em quanto a anarchia dilacera incessantemente as republicas hespanholas, da mesma fórma que agita incessantemente a desgraçada Hespanha, Portugal e Brasil, depois das primeiras convulsões inseparaveis do estabelecimento de um novo regimen, entraram n'um periodo de tranquillidade interna, em que tem sabido casar a manutenção da ordem com o gozo amplo de todas as garantias liberaes.

A anarchia é filha e mãe do despotismo; parece que não se póde dizer qual d'esses dois monstros gera o outro; tão rapidamente se succedem as reacções, que fazem nascer successivamente da compressão demasiada a licença infrene, da demagogia ebria a ferrea tyrannia.

Nas republicas hespanholas não ha meio termo: ou a revolta agita nas campinas o seu facho destruidor, ou a voz insensata das multidões rebôa clamorosa nas



D. Theresa Christina, imperatriz do Brasil

praças publicas; ou a dictadura dos Rosas e dos Lopes faz reinar um silencio de morte, cortado pelos echos dos fusilamentos e pelos gemidos que se exhalam dos patibulos alastrados de sangue.

Ou a voz dos tribunos facciosos proclama as utopias mais desregradas, ou a tyrannia e o obscurantismo atrophiam o pensamento.

Succede o mesmo em Hespanha; quando não se ouve nos sinos das cathedraes vibrar, sinistro e lugubre, o rebate revolucionario, vê-se o throno, esquecido da constituição em cujo nome se levantou, renovar as mais deploraveis tradições do absolutismo fanatico [1].

Em Portugal e no Brasil nenhum dos contrahentes olvidou o pacto fundamental; o throno de D. Luiz e de D. Pedro II não recorre ás bayonetas para lhe garantirem a inviolabilidade, o povo não appella para a insurreição a fim de que lhe sejam reconhecidos os seus foros e isenções.

[1] A revolução de setembro d'este anno em Hespanha parecia ao principio desmentir-nos; infelizmente, os symptomas da anarchia habitual são já bem pronunciados.

Por isso Portugal e Brasil contemplam-se, através do Atlantico, sorrindo-se com orgulho, e reconhecem-se como irmãos, como filhos da mesma gloriosa raça.

A Hespanha e as suas antigas colonias americanas podem tambem reconhecer nas facções que as devoram o mesmo ar de familia; mas esse ar de familia é o que tambem deviam ter Etéoclo e Polynice, é o que devia caracterisar a tribu sanguinaria dos Atridas; não é o cunho de fraternidade, é o cunho dos fratricidas.

II

A situação do Brasil na America é uma situação difficil, e precisam os seus governantes de supremo tacto e de summa habilidade para manterem n'aquelle terreno agitado o edificio estavel da monarchia.

Como nos paizes sujeitos a terremotos tem as casas de ser de madeira, para que resistam cedendo ás oscillações do solo, que despedaçariam inevitavelmente a inflexibilidade da pedra, assim parece que na convulsa America a republica é a unica fórma de governo que póde resistir ás agitações constantes.

A republica tem o equilibrio instavel; hoje vem um pronunciamento que derruba *todo lo existente*, como dizia na ultima revolução de Hespanha a proclamação da junta de Sevilha; os que governavam são fusilados, os que escaparam aos fusilamentos anteriores sobem ao poder, mas, governe quem governar, a republica sempre é republica.

Não succede o mesmo ás monarchias; ou vencem, ou são vencidas. Se são vencidas, desabam, e a catastrophe é tremenda.

Foi o que succedeu ao imperio mexicano; desabou de vez, esmagando nas ruinas o pobre imperador.

N'um paiz assim, a situação de uma monarchia não póde deixar de ser precaria. Parece que está destinada a luctar contra a natureza das coisas.

E, comtudo, o Brasil subsiste, e subsiste tranquillo e preponderante no meio das republicas turbulentas que o rodeiam.

Pois tem que luctar com graves difficuldades, internas e externas.

A America, em primeiro logar, considera-o como inimigo natural, e os Estados Unidos olham para elle de soslaio, indignados de encontrarem no imperio um duplo obstaculo á sua preponderancia: obstaculo, pela sua constituição monarchica, á sua propaganda republicana, que se transforma facilmente em propaganda annexionista; obstaculo, pela sua força já respeitavel, á sua preponderancia de grande potencia.

Aquelle vasto imperio, que na America do Sul está servindo até certo ponto de contrapeso ao gigante da America do Norte, incommoda os ambiciosos filhos do desinteressado Washington.

Por outro lado, as republicas da America do Sul, que deviam abrigar-se á sombra do colosso brasileiro para opporem um dique á torrente dos inglezes do Novo Mundo, impellidas pelo antigo odio de raça e pela rivalidade dos systemas politicos, mostram tambem ao Brasil transparente má vontade.

A anarchia, que as dilacera sempre, tem impedido a realisação de um vasto plano, concebido por alguns homens eminentes das republicas americano-hespanholas, e que vem a ser uma confederação formada por todos os estados néo-hispanos da America Meridional. Mas como podem elles formar uma confederação gigante e unica, se as confederações parciaes que fórma cada um sobre si não conseguem nunca manter a unidade de pensamento?

O odio ao Brasil não opera, de certo, o milagre; mas, incontestavelmente, a animosidade secreta dos estados republicanos, até dos proprios que se declaram seus alliados, é um dos maiores obstaculos que o Brasil tem encontrado na guerra do Paraguay.

O Brasil vê-se, por conseguinte, isolado no continente de que faz parte. Eis as difficuldades externas com que lucta.

As difficuldades internas não são menos difficeis de superar.

N'estes estados juvenis, que se vão, para assim dizer, conquistando a si mesmos, onde os colonos, separados entre si por vastos desertos, por invias montanhas, formam grupos destacados, guardas avançadas do grande exercito da civilisação, um governo centralisado é um obstaculo ao desenvolvimento nacional.

O *self-government*, adoptado com tão profundo senso pelos americanos do norte, foi a alavanca principal do espantoso progresso dos Estados Unidos, e é a principal base da sua immensa prosperidade, da sua vitalidade poderosissima.

Ora o *self-government* parece incompativel com a monarchia; por muito liberal que esta seja, a sua tendencia para a unidade administrativa não se póde casar facilmente com a larga descentralisação, uma das primeiras necessidades dos povos americanos.

Por isso a fórma federal, adoptada pela America ingleza, foi a que tambem proclamaram quasi todas as republicas néo-hispanas; e no Brasil, por varias vezes, a idéa do federalismo tem acordado a voz bramidora das revoluções.

E, apesar de tudo isso, o imperio subsiste na sua magestosa unidade.

Subsiste, apesar dos odios e das inimizades que o rodeiam, e que formam em torno d'elle como que um cordão sanitario para impedir que a influencia monarchica lhe ultrapasse as fronteiras, ao passo que procuram introduzir por contrabando as idéas republicanas preponderantes na America.

Subsiste, apesar dos obstaculos que a sua fórma de governo parece dever oppor ao desenvolvimento do Brasil.

E por que subsiste o imperio?

Subsiste, porque teve a boa fortuna de encontrar para lhe dirigir os destinos um homem illustrado, francamente liberal, que, em vez de interpretar o constitucionalismo no sentido mais acanhado, o interpreta no sentido mais amplo; que, em vez de fazer do regimen representativo uma ficção, desmentida por actos dictatorios, realisou no seu solio americano o programma de Luiz Filippe: «Um throno rodeado de instituições republicanas.»

De fórma que, nas visinhas republicas, as constituições mais largas são a cada instante audaciosamente burladas pelos proprios filhos da democracia, que transformam a modesta vara da presidencia na espada tyrannica da dictadura; no imperio do Brasil, a constituição monarchica é interpretada no sentido mais liberal, e o sceptro de D. Pedro II é apenas o symbolo respeitado da ordem e da unidade da patria, o fiel da balança que mantem n'um equilibrio são e justo os poderes a que o systema representativo confia a governança do imperio.

D'esta fórma, o Brasil, tranquillo, forte e unido, affronta sorrindo os odios externos, e, como um rochedo immovel no meio do Oceano, eleva a sua face lisa acima da superficie undosa, e vê impassivel as vagas revoltas assaltarem-n'o com os seus esquadrões de espuma, e, furiosas pela sua impotencia, atropellarem-se umas ás outras, revolverem-se, embaterem-se loucas e desgrenhadas na anarchia eterna da tempestade.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

EXEMPLOS DE ENERGIA GOVERNATIVA EM PORTUGAL

I

CONFLICTO DO CORPO DIPLOMATICO EM LISBOA COM O GOVERNO DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 271)

V

No outro dia Diogo de Mendoça Corte-Real expediu cartas aos embaixadores de Allemanha, de Hespanha e de Inglaterra, e ao ministro plenipotenciario dos Estados Geraes da Hollanda, intimando-lhes a ordem peremptoria del-rei, para que dentro do praso de quatro dias saissem de Lisboa para onde lhes parecesse, a fim de que os ministros e officiaes de justiça podessem andar livremente e sem embaraço por toda a cidade, como faziam d'antes; porque a qualquer que se lhes oppozesse poderiam seguir-se terriveis consequencias, que el-rei com aquelle meio queria evitar, em attenção ás suas pessoas e aos caracteres de que se achavam revestidos. Concluia o secretario de estado dizendo que el-rei participaria esta resolução aos seus respectivos governos, para que os advertissem de não insistirem mais em similhante questão. As cartas tinham a data de 20 de janeiro de 1710.

Apenas os ministros receberam estas cartas, trataram de se pôrem de accordo sobre a resposta que deviam dar, e ácerca do que lhes cumpria fazer no desempenho do seu compromisso, e na presença da posição firme e decidida que o governo portuguez parecia adoptar. Houve, portanto, conferencia n'essa noite em casa do embaixador de Allemanha, e n'ella resolveram que responderiam pedindo permissão para se conservarem na corte em quanto participavam aos seus governos estas occurrencias e d'elles recebessem as instrucções convenientes. E mais resolveram, por voto do bispo de Lubiana, que ao mesmo tempo armariam as suas casas, dispondo-se para resistencia a todo o transe. Foi cumprido escrupulosamente este accordo logo no dia seguinte, 21 de janeiro.

Portanto, ainda as respostas dos quatro ministros iam caminho da casa do secretario de estado, já começava a entrar armamento para os seus domicilios.

Parece, todavia, que este plano era combinado mais *ad terrorem*, que para obter o que se pretendia por meio da força. Os auctores d'elle imaginaram, e cremos que tiveram como certo, que o governo de uma nação tão pequena como Portugal não se atreveria a levar o conflicto até áquella estancia, d'onde podia romper uma guerra com tres poderosas nações, e com outra, embora limitada em territorio, forte pelas suas esquadras, e tão aguerrida no mar como em terra.

O que leva a presumir, com plausivel fundamento, que os quatro confederados o que pretendiam era intimidar o governo para o obrigarem a ceder, é que, em vez de se armarem occultamente, fizeram apparatosa ostentação dos apercebimentos de guerra. Os acontecimentos posteriores confirmam esta presumpção.

VI

Como a questão de fazer reviver os privilegios extinctos se tornára publica desde o principio, por causa dos conflictos com que se estreiára entre os criados do embaixador de Allemanha e os officiaes de justiça, o povo seguiu com attenção e vivo interesse todo este negocio desde a sua origem. Não se tinha intromettido até alli n'essa contenda. Presenciára mudo e quêdo as scenas escandalosas passadas diante das portas dos embaixadores de Allemanha e de Hespanha, embora depois murmurasse, passando ás vezes da murmuração á indignação, que tambem desabafava sómente de palavras. Porém, quando soube que estavam entrando armas para casa dos quatro ministros estrangeiros, o que se divulgou instantaneamente por toda a cidade, manifestou-se entre todas as classes vivissima agitação.

Não se mostravam preoccupados os espiritos com o temor das consequencias da lucta, em que viam um pygmeu empenhado contra gigantes. A consciencia da propria dignidade; o nobre orgulho, proveniente do amor da independencia e das tradições de um passado glorioso, tinham elevado os espiritos da população de Lisboa a essa altura d'onde não se distinguem perigos quando é mister desaffrontar a honra nacional. Portanto, a agitação crescente que se observava por toda a cidade envolvia em si terrivel ameaça contra as casas dos ministros de Hespanha, de Allemanha, de Inglaterra e de Hollanda.

O governo viu-se obrigado, pois, a tomar rapidamente providencias efficazes com que impozesse respeito aos embaixadores, e com que obstasse a quaesquer excessos populares.

VII

O que acabâmos de referir aconteceu durante todo o dia 21 de janeiro. N'esse mesmo dia, ao anoitecer, expediu Diogo de Mendoça Corte-Real as ordens necessarias para que no dia seguinte passassem os ministros e officiaes de justiça pelas portas dos embaixadores, e para que um regimento de cavallaria os seguisse de perto, encarregado de obstar a que lhes oppozessem impedimento, auxiliando-os contra qualquer aggressão. Ordenou mais o secretario de estado que o conde de Aveiras, coronel de um regimento de cavallaria, se postasse, logo pela manhã, com uma força de cavallaria e de infanteria, que lhe foi designada, em logar conveniente, d'onde podesse acudir promptamente em soccorro da casa de qualquer dos quatro ministros estrangeiros, no caso de ser accommettida pelo povo; ou dos officiaes de justiça, se porventura fosse mister maior auxilio do que o que lhes fôra especialmente destinado.

O bispo de Lubiana, que não descançava, quasi que não dormia, continuamente occupado com esta grave questão, e agora muito preoccupado com o desenlace d'ella, que estava propinquo, levantára-se de madrugada, a fim de estar prompto para qualquer occurrencia. Por conseguinte, foi o primeiro dos embaixadores a saber que se achava estacionada, a pouca distancia da sua casa, uma força de infanteria e de cavallaria, desde o romper da manhã.

Sobresaltou-o esta noticia, para a qual não estava preparado. Quer fosse porque a paixão o cegasse, quer porque estivesse habituado a ver o futuro côr de rosa, sempre da côr dos seus desejos, nunca lhe passou pela idéa que o governo portuguez levasse as coisas á ultima extremidade, como já observámos em outro logar.

Escreveu á pressa uma carta ao padre Cienfuegos, em que lhe pedia que viesse fallar-lhe o mais breve que fosse possivel. Correu solicito o padre ao chamamento, e depois de uma curta conferencia, em que o bispo de Lubiana expoz a necessidade que tinham de obter informações minuciosas e exactas das intenções do governo, e das ordens que este dera ao conde de Aveiras, commandante da força estacionada n'aquellas visinhanças, saiu para desempenhar a commissão de que o encarregava o prelado embaixador.

Tanto o bispo como Cienfuegos julgaram difficil e espinhosa esta missão, sobre tudo pela brevidade do tempo em que urgia alcançar aquellas informações. Porém nunca o bom do padre encontrára tanta facilidade para saber o que pretendia.

O governo tivera por conveniente não fazer mysterio das suas intenções e das ordens que dera; pois que, sem embargo da firmeza com que obrava, não queria desviar-se, nem levemente, do caminho da prudencia e da moderação, desejando mais prevenir que reprimir. Portanto, como na vespera não recommendára segredo, e as suas ordens, que bem manifestavam as suas intenções, tivessem sido transmittidas a muitas pessoas de differentes cathegorias, tinham-se já divulgado pela cidade quando o padre Cienfuegos saiu de casa do embaixador de Allemanha em busca de noticias.

Como homem experimentado que era nos negocios, não se contentou com as novas que ia colhendo no caminho. Foi inquirir o proprio conde de Aveiras, que lhe disse com franqueza verdadeiramente militar todo o rigor das instrucções que recebêra e das que tinham sido dadas ao coronel do regimento de cavallaria, que devia soccorrer, sendo preciso, os officiaes de justiça, para que ninguem lhes embaraçasse o transito.

Cienfuegos voltou então cabisbaixo a participar o resultado da sua commissão ao bispo de Lubiana. Seguiu-se uma activa correspondencia entre este prelado, o conde de Stampa, lord Galloway e Carlos Isac de Berge, durante a qual os ministros e officiaes de justiça passaram e repassaram tranquillamente por diante das portas dos quatro ministros estrangeiros, sem que pessoa alguma ousasse estorvar-lhes o passo.

Áquella correspondencia seguiram-se longas conferencias, até que, no dia 24 de janeiro, recebeu o secretario de estado Diogo de Mendoça Corte-Real uma carta assignada por aquelles tres embaixadores e pelo ministro plenipotenciario, na qual declaravam que se conformariam com as resoluções do governo portuguez, e não tomariam conhecimento algum do que passasse por diante de suas casas, em quanto davam conta do occorrido aos seus soberanos e d'elles esperavam a resposta.

VIII

Todas as quatro cortes desapprovaram o procedimento dos seus representantes, dando justa satisfação ao nosso governo. Ao cabo de alguns mezes, foram chamados pelos seus soberanos e substituidos na embaixada de Lisboa os condes de Stampa e de Galloway.

O bispo de Lubiana, que era de todos o mais culpado, esteve para ter a mesma sorte; mas conjurou-a, graças á flexibilidade do seu caracter, e á compaixão que soube inspirar á rainha D. Maria Anna d'Austria, em razão do desar que lhe provinha de ser mandado sair de uma corte antes de ter entregado as suas credenciaes. Todavia, apesar da protecção da soberana, e das complacencias com que procurava fazer esquecer o passado, custou-lhe tanto a vencer as repugnancias do governo portuguez, que só d'ahi a oito mezes é que fez a sua entrada publica e foi recebido por el-rei D. João v em audiencia solemne. Verificaram-se estas ceremonias no dia 26 de setembro do referido anno de 1710 [1].

IX

Este acto de energia governativa pertence a um reinado mais conhecido presentemente pelos seus defeitos que pelas suas virtudes. Os contemporaneos del-rei D. João v, quando fallavam do soberano ou do seu governo, só cuidavam de queimar incenso em volta do throno. Hoje apenas se pesam, para o julgamento d'aquelle reinado, as prodigalidades e desperdicios da corte; os vicios, até certo ponto filhos da epocha; e, em fim, os abusos, que tomaram maior vulto nos ultimos annos da vida do monarcha, por causas excepcionaes já por nós indicadas em outro logar.

Quando se apresentam opiniões tão oppostas, a verdade está ordinariamente no centro d'ellas, como acontece no caso de que tratâmos.

Ainda ha pouco traçámos nas paginas d'este semanario alguns quadros das vaidades e das miserias do reinado de D. João v [2]. Traçámol-o com o mesmo desassombro e imparcialidade com que applaudimos e exaltâmos agora aquelle acto de patriotica energia do seu governo.

Se nos tempos em que vivemos se désse um conflicto como o que o bispo de Lubiana suscitou na corte del-rei D. João v, não se repetiria, certamente, um acto egual de energia governativa, por mais incontestaveis que fossem a justiça e o direito que nos assistissem. Auctorisa este nosso juizo o que se tem passado modernamente, em questões bem graves, entre o governo portuguez e os de outras nações.

Pois Portugal não era então mais forte do que é actualmente. Se n'esse tempo possuia certas condições de força que hoje lhe faltam, em compensação dispõe agora de outras que então não tinha. Dobrou a população do reino; desenvolveram-se as industrias antigas, crearam-se outras novas, e a par d'ellas estabelecimentos apropriados a dar-lhes protecção e impulso; fez-se melhor repartição da propriedade, d'antes accumulada, por assim dizer, em duas classes da sociedade, que representavam, de envolta com o privilegio, a riqueza publica, deixando em pobreza as outras classes; em fim, multiplicaram-se as forças productivas da nação.

Mas, por nossa desgraça, parece que perdemos a condição mais essencial da força de um povo, que é a energia de caracter, essa nobre qualidade da alma que dá firmeza á vontade, auctoridade ás palavras, vigor ao braço, e fortuna nas emprezas, ainda nas mais arriscadas. Sim, perdemos esse dom, que levou nossos maiores a commetter tantos arrojos que assombraram o mundo; que os impellia a arrostar com o inimigo por toda a parte, no reino e fóra d'elle, sem lhes importar o seu numero, quando era mister defender a independencia do paiz, ou desaffrontar a sua honra, ou adquirir gloria para as suas armas!

Desapparece a energia das regiões do poder, se não sempre, na maior parte dos casos, porque primeiro se entibiou entre o povo. Mas em taes circunstancias cumpre aos governos que sabem comprehender a alteza da sua missão fazer um esforço sobre si proprios, para dar exemplo de energia e firmeza, com que se eleve novamente o espirito publico.

Quando o abatimento moral se apossa de uma nação, tornando-se verdadeira enfermidade, que a entorpece nos seus movimentos mais vitaes, é mister que o remedio venha de cima, de logar bem alto, porque só assim se infiltrará em todas as veias do corpo social.

A fraqueza do governo del-rei D. Fernando I quebrantou o animo dos portuguezes, a ponto de fazer com que parecessem fracos e cobardes, quando, inertes, deixaram entranhar-se no reino o exercito del-rei de Castella D. Henrique II, até vir pôr cêrco a Lisboa, incendiando-lhe e devastando-lhe os arrabaldes.

Passados poucos annos, a energia do governo del-rei D. João I conseguiu tirar da prostração, e elevar á maior altura que tem attingido, o animo dos portuguezes, e de envolta com o animo os seus brios e valor, o seu amor da patria e da liberdade, e, finalmente, o seu enthusiasmo pelas emprezas gloriosas.

O nosso abatimento moral não é o resultado da fraqueza de um soberano, mas sim a consequencia natural d'esta grande transformação por que temos passado, em meio de profundas divisões e de terriveis discordias.

Mas, apesar d'isso, n'estes nossos tempos, por vezes tem apparecido entre nós, em circunstancias graves, brilhantes exemplos de energia e devoção civicas, que bem mostram estarem adormecidas, mas não extinctas, essas nobres qualidades, que fizeram grandes os portuguezes, illustre e glorioso o seu nome, e respeitado o seu paiz.

Portanto, as lições do passado, taes como essa que ahi deixâmos rememorada, podem aproveitar. Levados d'esta convicção, iremos traçando mais alguns quadros historicos em que sobresáiam exemplos bem frisantes de energia governativa em Portugal.

I. DE VILHENA BARBOSA.

RECTIFICAÇÃO

A pag. 262, col. 2.ª lin. 3.ª, onde diz =Tinha chegado a Lisboa no começo de 1709 o bispo de Lubiana= deve ler-se =Tinha chegado a Lisboa no começo do verão de 1709 o bispo de Lubiana=.

[1] Todos os factos que referimos se acham miudamente narrados em umas memorias manuscriptas, contemporaneas e inéditas, copiadas do original que pertencia á preciosa livraria do conde de Vimeiro. Não tem nome do auctor, provavelmente por criticarem com severidade pessoas de alta cathegoria. Se a reminiscencia nos não engana, tambem aquelle conflicto se acha referido nas memorias do primeiro duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira de Mello, as quaes são manuscriptas e egualmente inéditas, e d'ellas já tivemos occasião de ver uma cópia, ha bastante tempo. Porém os nossos leitores que quizerem certificar-se de tão notaveis factos, encontral-os-hão historiados, nas suas circunstancias mais principaes, na *Historia genealogica da casa real portugueza*, vol. VIII, desde pag. 82 até 89.

[2] Vid. os artigos sob o titulo *Luxo e magnificencia da corte del-rei D. João* v, começados a pag. 4 d'este volume.